



VERUS
EDITORA

A FILHA
DO REI DO
PÂNTANO

KAREN DIONNE

Sumário

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22

1

— **E**spere aqui — digo à minha filha de três anos. Eu me inclino pela janela aberta da picape, entre o assento de segurança dela e a porta do passageiro, e pego o copo plástico de tampa com suco de laranja morno que ela atirou em uma crise de birra. — Mamãe já volta.

Mari estica a mão para o copo como o cachorro de Pavlov. Seu lábio inferior se projeta para a frente e lágrimas correm. Eu entendo. Ela está cansada. Eu também estou.

— Uhn uhn uhn — Mari resmunga quando começo a me afastar. Ela arqueia as costas e puxa o cinto de segurança como se fosse uma camisa de força.

— Fique quieta. Eu já volto. — Aperto os olhos e balanço o dedo para ela saber que estou falando sério, então dou a volta até a traseira da picape. Aceno para o garoto que está empilhando caixas na área de carga e descarga do Markham's, acho que o nome dele é Jason, depois baixo a tampa do bagageiro para pegar a primeira das minhas duas caixas.

— Oi, sra. Pelletier! — Jason responde ao meu aceno com o dobro do entusiasmo. Levanto a mão outra vez para ficarmos empatados. Já desisti de lhe dizer para me chamar de Helena.

Pam-pam-pam de dentro da picape. Mari está batendo o copo de suco na porta. Imagino que esteja vazio. Bato a palma da mão no bagageiro em resposta — *pam-pam-pam* — e Mari se assusta e vira para trás, seus finos cabelos de bebê caindo no rosto como barba de milho. Faço minha melhor cara de “pare com isso ou vai se ver comigo” e ergo as caixas de papelão sobre o ombro. Stephen e eu temos cabelos e olhos castanhos, como nossa filha de cinco anos, Iris, por isso ele se espantou com essa rara criança de cabelos dourados que produzimos, até eu lhe contar que minha mãe era loira. Isso é tudo o que ele sabe.

O Markham's é a penúltima entrega de quatro, e o principal ponto de venda das minhas geleias e compotas, tirando os pedidos que recebo pela internet. Os turistas que fazem compras aqui gostam da ideia de que meus produtos são caseiros. Já me disseram que muitos clientes compram vários potes para levar para casa, como presente ou recordação. Eu amarro com barbante círculos de tecido quadriculado sobre as tampas e uso um código de cores de acordo com o conteúdo: vermelho para geleia de framboesa, roxo para sabugueiro, azul para mirtilo, verde para taboa e mirtilo, amarelo para dente-de-leão, rosa para maçã e cerejas silvestres, e por aí vai. Acho que as tampas ficam meio bobas, mas as pessoas parecem gostar. E, se eu quiser sobreviver em uma área tão economicamente quebrada como a península Superior, tenho que dar às pessoas o que elas desejam. Não precisa ser um gênio para saber disso.

Há um monte de vegetais silvestres que eu poderia usar e um monte de maneiras diferentes de prepará-los, mas, por enquanto, estou me limitando a compotas e geleias. Todo negócio precisa de um foco. Minha marca é o desenho estilizado de uma taboa que

ponho em cada rótulo. Tenho certeza de que sou a única pessoa que mistura raiz de taboa moída com mirtilos para fazer geleia. Não ponho uma quantidade muito grande, apenas o suficiente para justificar a inclusão de *taboa* no nome. Quando eu era criança, espigas novas de taboa eram minha verdura favorita. Ainda são. Toda primavera, eu jogo as botas de borracha e um cesto de vime na traseira da picape e vou até os pântanos ao sul de onde moramos. Stephen e as meninas nem tocam nelas, mas ele não se incomoda que eu as cozinhe, desde que faça apenas o suficiente para mim. É só ferver as espigas por alguns minutos em água e sal para obter uma das melhores verduras que existem. A textura é um pouco seca e farinhenta, então agora eu como com manteiga, mas, claro, manteiga não era algo que eu conhecia quando criança.

Os mirtilos eu pego nas áreas desmatadas ao sul da nossa casa. Há anos em que a colheita é melhor. Mirtilos gostam de muito sol. Os índios costumavam pôr fogo na vegetação rasteira para melhorar a produção. Admito que já me senti tentada. Não sou a única pessoa que anda pelas planícies durante a estação dos mirtilos, então as áreas mais próximas das velhas estradas dos madeireiros se esgotam muito depressa. Mas não me importo de ir mais longe e nunca me perco. Uma vez, eu estava tão no meio do nada que um helicóptero do Departamento de Recursos Naturais me avistou e me chamou. Depois que eu os convenci de que sabia onde estava e o que estava fazendo, eles me deixaram em paz.

— Está gostando do calor? — Jason pergunta, enquanto pega a primeira caixa do meu ombro.

Dou um grunhido em resposta. Houve um tempo em que eu não teria a menor ideia de como responder a essa pergunta. Minha opinião sobre o tempo não vai mudá-lo, então por que alguém se importaria com o que eu acho? Agora sei que não preciso responder, que esse é só um exemplo do que Stephen chama de “conversa à toa”,

conversa só para falar alguma coisa, um preenchimento de espaço que não pretende comunicar nada de importância ou valor. Que é como pessoas que não se conhecem direito falam umas com as outras. Ainda não entendo bem por que isso é melhor que o silêncio.

Jason ri como se eu tivesse contado a melhor piada que ele ouviu no dia, o que Stephen também insiste que é uma resposta apropriada, mesmo eu não tendo dito nada engraçado. Depois que eu saí do pântano, tive muita dificuldade com as convenções sociais. Apertar as mãos quando a gente encontra alguém. Não enfiar o dedo no nariz. Ir para o fim da fila. Esperar sua vez. Levantar a mão quando tiver uma pergunta na sala de aula e esperar o professor chamar antes de perguntar. Não arrotar ou peidar na presença de outros. Quando estiver visitando alguém, pedir licença antes de usar o banheiro. Lembrar de lavar as mãos e dar descarga. Nem sei dizer quantas vezes me senti como se todo mundo soubesse o jeito certo de fazer as coisas, menos eu. Quem cria essas regras, afinal? E por que eu tenho que segui-las? E quais serão as consequências se eu não fizer isso?

Deixo a segunda caixa na área de descarga e volto à picape para pegar a terceira. Três caixas, vinte e quatro potes em cada, setenta e dois potes no total, entregues a cada duas semanas durante junho, julho e agosto. Meu lucro com cada caixa é de 59,88 dólares, o que significa que, ao longo do verão, ganho mais de mil dólares só com o Markham's. Nem um pouco desprezível.

E, quanto a deixar Mari sozinha na picape enquanto faço as entregas, sei o que as pessoas pensariam se soubessem. Principalmente por eu deixá-la com as janelas abertas. Mas não vou fechar as janelas. Estacionei embaixo de um pinheiro e há uma brisa soprando da baía, mas a temperatura está perto dos trinta graus o dia todo e eu sei que um carro fechado pode se transformar rapidamente em um forno.

Também tenho consciência de que alguém poderia facilmente

enfiar a mão pela janela aberta e pegar Mari se quisesse. Mas tomei a decisão anos atrás de não criar minhas filhas com medo de que possa acontecer com elas o que aconteceu com a minha mãe.

Uma última palavra sobre esse assunto e chega. Garanto que, se alguém tiver algum problema com o modo como crio minhas filhas, é porque nunca viveu na península Superior do Michigan. Fim de papo.

Quando volto à picape, Mari, a rainha da fuga, não está à vista. Vou até a janela do passageiro e olho dentro do carro. Mari está sentada no chão mastigando um papel de bala que encontrou debaixo do banco, como se fosse um chiclete. Abro a porta, pesco o papel de sua boca e o enfio no bolso, depois enxugo os dedos no jeans e a prendo com o cinto de segurança. Uma borboleta entra pela janela e pousa sobre uma mancha pegajosa no painel. Mari bate palmas e ri. Eu sorrio. É impossível não se contagiar. A risada de Mari é deliciosa, uma gargalhada cheia, espontânea, que eu nunca enjoio de ouvir. Como aqueles vídeos que as pessoas postam no YouTube de bebês rindo descontroladamente por coisas bobas, tipo um cachorro pulando ou uma pessoa rasgando tiras de papel. A risada de Mari é assim. Ela é água borbulhante, sol dourado, a tagarelice de patos voando no céu.

Espanto a borboleta e engato a primeira. O ônibus escolar deixa Iris na frente de casa às quatro e quarenta e cinco. Stephen geralmente fica com as meninas enquanto faço as entregas, mas ele vai chegar tarde hoje, porque está mostrando um novo conjunto de fotografias de faróis para o dono da galeria que vende sua arte no Soo. Sault Ste. Marie — que se pronuncia “Soo”, e não “Salt”, como as pessoas que não conhecem costumam dizer — é a segunda maior cidade da península Superior. Mas isso não quer dizer grande coisa.

A cidade-irmã do lado canadense é muito maior. Os moradores dos dois lados do rio St. Mary chamam a cidade de “O Soo”. Vem gente do mundo todo visitar as Eclusas do Soo e ver a passagem dos gigantescos cargueiros de minério de ferro. São uma grande atração turística.

Entrego a última caixa de geleias sortidas na loja do Museu Gitche Gumee da Água e de História, depois dirijo até o lago e estaciono. Mari começa a agitar os braços assim que vê a água.

— Aga, aga, aga.

Sei que, com essa idade, ela já deveria estar falando frases completas. Faz um ano que estamos levando-a a um especialista em desenvolvimento infantil em Marquette, uma vez por mês, mas até agora isso é o melhor que ela consegue.

Passamos a hora seguinte na praia. Mari senta ao meu lado no cascalho morno, mascando um pedaço de madeira que eu lavei para ela, para aliviar o desconforto de um molar querendo nascer. O ar está quente e parado, o lago calmo, as ondas batendo gentilmente, como água na banheira. Depois de um tempo, tiramos as sandálias, entramos no lago e jogamos água uma na outra para refrescar. O lago Superior é o maior e mais fundo dos Grandes Lagos, então a água nunca fica quente. Mas, num dia como hoje, quem ia querer que ficasse?

Eu me reclino para trás, apoiada nos cotovelos. As pedras estão quentes. Com este calor, é difícil acreditar que, quando Stephen e eu trouxemos Iris e Mari a este mesmo lugar algumas semanas atrás para ver a chuva de meteoros Perseidas, precisamos de sacos de dormir e casacos. Stephen achou que era exagero quando eu os coloquei na traseira do Cherokee, mas, claro, ele não tinha ideia de como a praia fica fria depois que o sol se põe. Nós quatro nos esprememos em um saco de dormir duplo, deitados de costas na areia, olhando para cima. Iris contou vinte e três estrelas cadentes e fez um desejo para cada